

CRESCIMENTO DESORDENADO

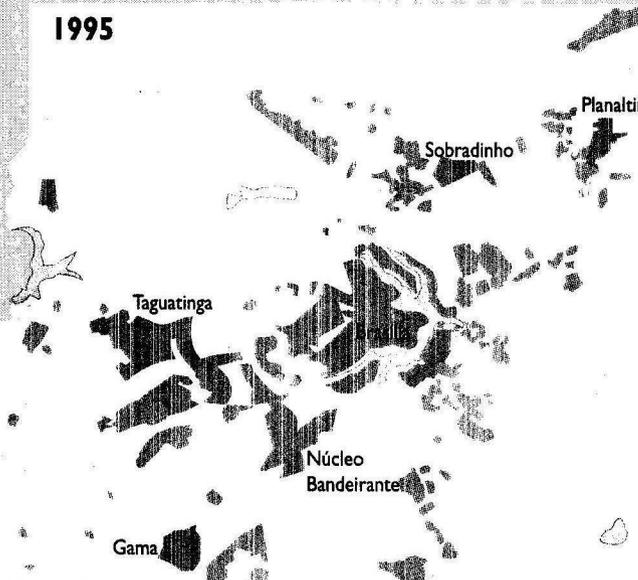
A comparação entre os mapas da ocupação do Distrito Federal, em dois momentos, comprova que o boom das invasões de áreas públicas começou na década de 80 e se consolidou em meados dos anos 90

■ Ocupação regular ■ Ocupação irregular

1985



1995



GDF vira refém dos invasores

A consolidação de invasões no Distrito Federal e a consagração popular das lideranças criou uma relação de dependência do governo com os líderes dos movimentos dos sem-teto. “Chegamos num ponto em que o governo é refém das invasões e das suas lideranças”, analisa Alexandre Camanho, procurador da República no Distrito Federal.

“O processo é tão patológico, tão cheio de ilicitudes, que não dá para dizer se a representação política legítima a invasão ou se é a invasão que legitima o político. Não se sabe mais se a liderança comunitária está sendo fermentada por algum político ou se quer emplacar uma invasão para ser um”, completa o procurador.”

O geógrafo Aldo Paviani, do Núcleo de Estudos Urbanos da UnB, credita a ocupação irregular do solo à impunidade e ao descaso do poder público. “A indústria da invasão é preocupante. Brasília vai ficar ingovernável em pouco tempo, se não houver uma política eficiente de ocupação do solo”.

Para o pesquisador, o alastramento de invasões gera problemas sociais graves. “A cidade cresce rapidamente. No futuro

vai se gastar muito para estender benefícios a toda esta gente. O custo para implantar linhas de metrô, ônibus, água e luz vai se tornar inviável”. E conclui: “Há gente lucrando muito com a ausência de políticas de ocupação do solo. Manter a situação assim é interessante para o deputado que alicia a população para invadir. É caso de polícia”.

FAVELAS

A história das invasões não é novidade em Brasília. Desde a criação, a cidade convive com o problema da carência habitacional. Em 1958, os nordestinos que chegavam ao Planalto Central iam morar nas imediações da Cidade Livre (que, por pressão popular se transformou no Núcleo Bandeirante). A forte migração forçou a construção prematura de Taguatinga. Mas o problema de carência habitacional continuou; novas favelas surgiram. E com elas, novas lideranças.

O oportunismo para resolver a carência de moradias acentua-se nos períodos próximos às eleições. Historicamente tem sido assim. De 1985 a 1988, no governo José Aparecido, praticamente não houve oferta de ha-

bitações. Nesse período tentava-se sanar o problema com outros programas como o Retorno com Dignidade, no qual o governo pagava a passagem de volta do migrante e obrigava seu retorno. A maioria das pessoas que morava nas favelas era mandada para Brasilinha (Goiás), a 70 km de Brasília. A maior parte, no entanto, voltou.

Ao mesmo tempo que expulsava a população pobre para fora do DF, o GDF doava as terras valorizadas próximas ao Plano Piloto para pagar compromissos da campanha eleitoral de 1985. Tal procedimento motivou ação popular dos servidores da Terracap, fato que influenciou na destituição de José Aparecido. A seguir — no governo de Roriz e de seu sucessor, Vanderlei Valim — (1988 a 1994), a habitação passa a ser utilizada como instrumento para conquistar a simpatia do povo e conter o avanço dos partidos progressistas.

Surgem os líderes profissionais dos sem-tetos. “José Edmar era líder de inquilinos e fez escola”, diz o arquiteto Luiz Alberto Gouveia.

LOTE A LOTE

1. ARTICULAÇÃO

A liderança engana a multidão de sem-tetos. Sobe em palanque para prometer lotes. Usa do poder de representação para tentar conversas com o governo. Se líder conhece políticos do partido do governador ousa ainda mais. Tenta levar secretários e o próprio governador para o local da invasão.

2. INVASÃO

A pressão popular, às vezes, é tão forte que o governador Joaquim Roriz já teve de ir a essas invasões. O problema é que comete os mesmos equívocos dos líderes. Lubridia o povo prometendo lotes, de graça, para famílias pobres. Nessa hora, vale tudo. Usa até a fé que o povo tem em Deus para sensibilizar as famílias.

3. NEGOCIAÇÃO

Depois do discurso, é o próprio Roriz quem desmancha as invasões. Diz que sairá enfraquecido se o povo não desmontar os barracos. Dá a ordem e pede um voto de confiança. Funcionários do governo, com pranchetas na mão, organizam a multidão em fila e anotam os nomes dos invasores. Fica a impressão que a relação é a garantia de que todos vão mesmo ganhar lote. Para o povo, resta a imagem de um governador caridoso e, para a liderança, do papel cumprido.

LEIA MAIS SOBRE
INVASÕES NA PÁGINA 10

